

**PROPRIETÁRIOS DOS MEIOS DE PRODUÇÃO CAPITALISTA:
SUJEITO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE VITÓRIA
DA CONQUISTA - BAHIA**

Thiago Camilo Santos Leite

Pós-graduando pela UESB

thiago_c25@hotmail.com

**PROPRIETÁRIOS DOS MEIOS DE PRODUÇÃO CAPITALISTA:
SUJEITO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE VITÓRIA
DA CONQUISTA - BAHIA**

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a analisar a formação do espaço urbano e os sujeitos que determinam sua produção, com enfoque na cidade de Vitória da Conquista - Bahia. Discutindo tal temática, buscou-se compreender a relevância e interferência dos proprietários do meio de produção capitalista que atuam como sujeitos direta ou indiretamente na produção do espaço. Para tanto, será utilizado uma revisão bibliográfica, bem como o registro fotográfico e pesquisa qualitativa de cunho exploratório com a utilização de entrevistas.

Palavras-Chave: Espaço Urbano. Comércio. Indústria

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar e discutir a produção do espaço urbano de Vitória da Conquista - BA, enfocando a ação dos proprietários do meio de produção capitalista na construção deste. A cidade passa por um eterno processo de urbanização, e diversos são os fatores que interferem na produção deste espaço.

Os proprietários do meio de produção, aqui discutidos e analisados como sujeitos atuantes e determinantes na produção urbana, atuam ora de forma direta, ora de forma indireta neste processo, e tem grande relevância naquilo que hoje se considera urbanização. Cabe, portanto, levantar essa discussão que visa esclarecer a forma como ela ocorre, e as consequências que traz para a sociedade.

Firmado primeiramente em uma revisão bibliográfica, de autores que discutem tal proposta, o presente trabalho procura focar essa discussão na cidade de Vitória da Conquista, situada no interior da Bahia e, que reflete muito bem o tema proposto. Buscou-se ainda, uma pesquisa de cunho exploratória com entrevistas de pessoas envolvidas neste cenário, além de registros fotográficos que vêm ilustrar e consolidar o conhecimento aqui transmitido.

**1 – BREVE HISTÓRICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO
EM VITÓRIA DA CONQUISTA.**

Toda cidade tem uma origem histórica específica, e admite condições para se firmar no espaço. Características como aumento da densidade ou extensão de área não são determinantes neste processo, diferente disto, elas surgem em um determinado momento da história e assumem formas e conteúdos diversos. Carlos aponta:

Pode-se dizer, a princípio, que a cidade nasce da necessidade de se organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando determinado fim. Isto é, a sobrevivência do grupo no lugar, e o rompimento do isolamento das áreas agora sob sua influencia. (CARLOS, p.57)

Situada no sudoeste na Bahia, a cidade de Vitória da Conquista é localizada em meio a um entroncamento rodoviário. Possui um via de grande importância e que assume grande responsabilidade no desenvolvimento da região, a BR 116, conforme ilustra o mapa 01 e a Figura 01 a seguir, que liga o país de norte a sul, contribuindo veementemente para o processo de urbanização da cidade.



MAPA 01 – Mapa rodoviário de Vitória da conquista com enfoque nas vias que perpassam seu território. Fonte: http://www.mototour.com.br/vector/roteiros/form_exibirmapa.asp?codigo=943&cidade=VITORIA+DA+CONQUISTA&estado=BAHIA&mapa=mapa_943



Figura 01 – Visão panorâmica da Rio-Bahia – BR 116. Fonte: <http://paracatumemoria.wordpress.com/2011/11/07/graduandos-em-secretariado-executivo-visitam-arquivo-municipal-de-vitoria-da-conquista-na-bahia/>

Desde a antiguidade e a origem das cidades, fatores específicos interferem na construção desse espaço urbanizado. Por exemplo, as primeiras cidades vão surgir exatamente nos locais onde a agricultura se desenvolvia. Neste momento, como pode ser notada, a agricultura representava o sujeito da produção urbana.

Estes sujeitos, no entanto, diferem em relação à área e ao período. Em Vitória da Conquista, tal processo, assim como nas demais localidades, não aconteceu de uma hora pra outra, e precisou de certo tempo para se firmar. Carlos, segundo Von Richtofen, afirma que a cidade, é “um agrupamento cujos meios de existência normais consistem na concentração de formas de trabalho que não são consagradas à cultura, mas ao comércio e a indústria” (p. 68).

Vários foram os fatores que colaboraram para que hoje fosse considerada a terceira maior cidade do Estado da Bahia, além de uma cidade que vem sofrendo grande crescimento na área urbana, com uma verticalização visivelmente acelerada, e um crescimento surpreendente. Ferraz vai ressaltar esse processo ocorrido na cidade dizendo que;

A configuração territorial de Vitória da Conquista é fruto de diversos processos vivenciados e produzidos com base em relações sociais internas e externas à cidade. Assim, é resultado da ação de vários agentes produtores do espaço urbano em constante luta pela conquista de seus interesses e necessidades. (FERRAZ, 2001 - p.29)

A partir da década de 40 ela começa a se expandir territorialmente, e a assumir uma nova configuração. O processo de urbanização desta cidade foi determinado por alguns fatores. A agricultura, o comércio e as criações de estradas contribuíram e foram determinantes para que este ocorresse. Além destes, Ferraz aponta o poder público como mediador neste cenário.

O início do cultivo cafeeiro na região trouxe grandes transformações para a cidade. E este também foi de extrema importância para a consolidação do espaço urbano, bem como os aspectos imobiliários, que hoje é um dos fatores mais presentes nas discussões em torno dessa temática.

No entanto, o espaço urbano está em constante construção, e assim como já analisado, diferente são os fatores que atuam na sua construção. Na cidade aqui referida, foram elencados os que primordialmente consolidaram o urbano. Na atualidade, portanto, eles mudaram em razão da necessidade de se consolidar.

Atualmente, em Vitória da Conquista, vários outros são visíveis, alguns que já existiam, e outros que começam a ganhar o cenário. A ação dos proprietários do meio de produção, aqui discutida, merece grande atenção, uma vez que representam grande parte da responsabilidade pelo processo de urbanização.

O comércio é um dos mais fortes setores da atividade conquistense. A cidade gira em torno dele, atendendo toda a redondeza e constituindo uma fama muito grande. O comércio de Vitória da Conquista está em constante desenvolvimento e certamente é um dos sustentadores da economia regional, abaixo a figura 02 de um dos pontos que concentra a maior parcela dos comércios pode ilustrar esse desenvolvimento acelerado neste setor.



Figura 02 – Avenida Lauro de Freitas em Vitória da Conquista – BA.
Fonte: http://rubenildometal.blogspot.com/2008/11/conquista-168-anos_05.html.



Figura 03 – Indústria no Centro Industrial de Vitória da Conquista – BA. Fonte: LEITE; Thiago Camilo Santos. 28/12/11.

O setor industrial, por sua vez, em meio a um crescimento visivelmente acelerado, também contribui para a economia local, gerando emprego, renda, e consequentemente a urbanização do local, possui uma quantidade enorme de indústrias já consagradas no mercado, como a Coca-Cola, bem como empresas de menor porte como ilustrado na figura 03.

Tais setores, totalmente ligados à economia local, abarcam o meio de produção capitalista, que interfere diretamente para a problemática aqui apontada. Cabe, portanto, uma discussão em torno desses dois aspectos, o que será feito a seguir.

2 – PROPRIETÁRIOS DO MEIO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA: SUJEITOS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO, A INFLUÊNCIA DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA NESTE PROCESSO.

Pensar sobre o conceito do espaço urbano e ao mesmo tempo sobre o conceito de cidade é um viés um tanto complexo. Cada sociedade enxerga o espaço de uma forma que diretamente estará ligada às suas concepções sociais e culturais.

É nesse contexto de espaço fragmentado e articulado que surge a cidade como pólo de atração. Os seus benefícios e atrativos deixam de lado o simples desejo de melhoria de vida e bem-estar social, visto que ao mesmo tempo a cidade se torna repulsiva e excludente, pois a urbanização mostra o lado cruel do espaço ao vislumbrar a especulação proveniente dos grupos detentores do solo e do capital. Como afirma Corrêa:

[...] Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado (CORREIA, 2000).

A produção do espaço urbano está inteiramente ligada ao jogo de interesses entre os seus agentes e partícipes, fruto das relações simbólicas e conflitantes do capitalismo em suas múltiplas identidades. O espaço urbano é artificial e construído no meio antes natural e, em seguida manipulado numa teia de ações sociais, onde as relações entre os atores envolvidos nem sempre resultarão na aplicabilidade das soluções que visem os anseios da maioria.

A utilização do solo urbano é destinada a poucos, criando assim uma crescente massa de excluídos sociais. Para Carlos (1990), a cidade é produto das contradições de classe e envolve interesses e necessidades diversas. Assim, o espaço é produzido através das lutas que ocorrem na cidade.

No entanto, é válida a ressalva que o espaço urbano não está preso a uma mera representação social do espaço, pois este mesmo espaço rompe barreiras da cidade e/ou dos núcleos urbanos em ascensão, pois é possível encontrar características urbanas no espaço rural e vice-versa.

Essas superposições de áreas criam novos atrativos para a reprodução do capital e as condições de desenvolvimento financeiro, e por fim a urbanização dessas áreas. É nesse espaço artificial que o capital se reproduz, onde também se observa a

industrialização, urbanização, metropolização, segregação e exclusão sócio espacial. A cidade é excludente, com cenários totalmente diferentes a classes antagônicas.

Dessa forma, Carlos afirma que as forças produtivas ao se desenvolverem, produzem mudanças constantes e, assim o espaço urbano é modificado. Hoje, tais alterações ocorrem com muita agilidade e profundidade; isso gera, não somente novo ritmo de vida e novas formas de relacionamento entre as pessoas, que também passam a viver a dimensão de novos valores; mas, novas molduras de configuração espacial.

Harvey (1980) afirma que: “Há numerosos e diversos atores no mercado de moradia, e cada grupo tem um modo distinto de determinar o valor de uso e o valor de troca”. Harvey identifica os seguintes grupos: os usuários de moradia; os corretores de imóveis; os proprietários; os incorporadores e construtores; as instituições financeiras; e as instituições governamentais.

Para entender a ação dos proprietários dos meios de produção capitalista na consolidação do processo de urbanização é necessário analisar alguns fatores históricos. Assim, talvez o grande salto para as modificações hoje vividas, se dá na Idade Moderna, quando houve a consolidação dos ideais de progresso, juntamente com a lógica individualista, onde os valores burgueses começavam ir de encontro à ideologia católico-feudal e, se reforça a importância do comércio e da capitalização, que por sua vez, formaram a base de desenvolvimento do sistema capitalista.

De acordo com Lefebvre, o sentido da cidade se dá pelo uso, isto é, os modos de apropriação do ser humano para a produção da sua vida. Desta maneira,

A prática urbana ganha sentido na reprodução das relações sociais, onde se defrontam as estratégias da reprodução das frações de capital e da vida social mudando, significativamente, os elementos da análise urbana, abrindo a perspectiva para o entendimento do conjunto da sociedade (CARLOS, 2004, p. 27)

Na cidade de Vitória da Conquista, percebe-se a grande influência do comércio nas relações econômicas e sociais em geral, principalmente no centro da cidade, que é onde predomina as relações de troca de mercadorias. Esse comércio influencia uma população de aproximadamente dois milhões de pessoas, que abrange desde o centro-sul da Bahia até o norte de Minas Gerais.

O comércio esteve em todo o tempo agindo de forma direta na construção do espaço urbano. Quer seja na antiguidade, quando sua atuação foi determinante, ou na

atualidade, atuando veementemente em todo o espaço. Esse possui grande importância para uma cidade. Em Vitória da Conquista, por exemplo, ele, o comércio, é quem vai nortear a economia local e dar sentido à lógica capitalista.

O comércio da cidade referida, como foi visto, abarca atualmente uma grande região, por isso seu notável crescimento. Essa expansão traz consigo muitas consequências para a população. Gera emprego, mas também uma desvalorização do trabalhador. Todo esse processo firmado na lei da oferta e procura, gera o “exército de reserva”, que irá cada vez mais contribuir para a precarização do proletário.

Mais uma vez, os reis beneficiados são os grandes comerciantes e o sistema capitalista. A acumulação do capital é quem rege todo o processo e quem coordena essa rede de relações sociais. Para a cidade, o setor comercial vem interferir na questão de infraestrutura e no setor econômico. O entrevistado 01¹ ao ser questionado em relação a influência deste para a cidade propõe;

O comércio de Vitória da Conquista é um polo em relação às cidades circunvizinhas. Atua diretamente no desenvolvimento da cidade, assim como na concretização do espaço. Porém, há de se levar em conta toda a exploração que existe por trás do comércio. Os funcionários trabalham até tarde e são mal remunerados. (ENTREVISTADO 01)

Carlos afirma que “a luta por novos mercados levava as cidades mais poderosas a conquistar cidades mais fracas para suprimir o mercado rival” no período colonial, principalmente. Atualmente, essa realidade não é diferente, mesmo a “força comercial” não assumindo um papel de “colonizadora”, como outrora, ela interfere de uma nova maneira no processo, pois as cidades circunvizinhas se tornam dependentes do mesmo, é o que acontece na cidade de Vitória da Conquista.

A Avenida Lauro de Freitas, figura 04, se destaca como a principal avenida comercial, além do comércio, a avenida possui também o principal terminal de ônibus coletivo, desta forma, acaba sendo a área mais lucrativa da cidade, seduzindo a população e novos investidores, que diariamente buscam formas e maneiras de melhor investir na cidade, sob seus interesses.

Além desta avenida, situada no centro da cidade, Conquista possui outros espaços que refletem o seu crescimento comercial. Seja ele constituído por comércios a

¹ Depoimento cedido pelo entrevistado 01 de Vitória da Conquista em Dezembro de 2011.

céu aberto, com fins de compra de mercadoria ou diversão, caso das feiras livres e de comércio clandestino, ou mesmo pela elitização de novos locais, reflexo de uma exclusão social. Ou seja, a população onde quer que vá, encontra um local onde o capital está atuando.

O Shopping Center Conquista Sul, figura 05, por exemplo, já se constitui como novo espaço comercial, empresarial e de entretenimento. Com a mais atual reforma, já é considerado um dos maiores da Região Nordeste. Além deste, a Avenida Olivia Flores e o Bairro Brasil com a Av. Frei Benjamim, figura 04, já se constituem como “centros” de seus bairros, no que diz respeito ao comércio, à prestação de serviços, dentre outros, ou seja, o “centro físico” da cidade, aos poucos vai deixando de ser o único local de compras, de prestação de serviços, etc.



Figura 04 – Av. Frei Benjamim em Vitória da Conquista – BA.
Fonte: LEMOS; Kléber Santos. 28/12/2011.



Figura 05 – Shopping Conquista Sul, em Vitória da Conquista – BA.
Fonte: <http://www.vitoriadaconquista.com.br/2011/12/13/shopping-conquista-sul-inaugura-a-sua-3%C2%AA-expansao/>

Dessa forma, os moradores ganham a comodidade de terem ao seu alcance, tudo o que é necessário para que eles não precisem ir até o centro da cidade para efetuar suas atividades. O entrevistado 02² vai ressaltar a influencia destes novos centros para a cidade. Segundo ele, “esta é uma nova alternativa, e vem beneficiar a população local”.

Enfim, “[...] a cidade [...] é sempre uma organização dinâmica, de alto poder concentracional, que cria, no entanto, a cada momento, uma produção espacial que lhe seja peculiar.” Esta dinâmica é quem cria e recria o espaço urbano.

²Depoimento cedido pelo entrevistado 02 de Vitória da Conquista em Dezembro de 2011.

Além do comércio, Vitória da Conquista detém muita força na indústria, onde se destacam: Zab, Teiú, Revani, Coca-Cola, Dilly Calçados, Umbro, Kappa, BahiaFarma, café Maratá, dentre outras. O que se verifica nos últimos anos é um reposicionamento dos setores econômicos, no qual a indústria passa assumir uma maior importância no cenário conquistense.

As figuras 06 e 07 refletem muito bem o exposto. Primeiramente, uma foto antiga, da inauguração do distrito industrial quando este possuía apenas uma indústria o “Marinho de Andrade”; e a segunda que é uma foto atual mostrando grande parte das indústrias ali localizadas.

Carlos irá advertir para tal discussão dizendo que;

O desenvolvimento da indústria, as grandes descobertas científicas e o consequente avanço tecnológico criam especialização espacial e uma divisão de trabalho muito amplas. [...] A cidade como ponto de concentração da indústria e de grande massa populacional atrai não só o poder econômico como o político, passando a comandar espaços maiores, de acordo com seu poder. (CARLOS, 1992. p.66)



Figura 06 – Distrito Industrial dos Imborés no início, com apenas uma fábrica. Fonte: <http://tabernadahistoriavc.blogspot.com/2011/08/distrito-industrial-dos-imbores.html>.



Figura 07 – Distrito Industrial dos Imborés atualmente. Fonte: <http://tabernadahistoriavc.blogspot.com/2011/08/distrito-industrial-dos-imbores.html>

io

interferem diretamente no processo aqui analisado. Estes são grandes consumidores do espaço enquanto ordem física, uma vez que demandam grande extensão para se localizar em razão da grandeza de suas atividades.

Um exemplo que retrata e reflete muito bem o que foi apontado, é o Distrito Industrial dos Imborés, figura 07. Localizado há certa distância da cidade, este espaço abarca a maioria das indústrias da mesma. E qual o sentido desta distância? Vários

foram os fatores que determinaram tal decisão. Não foi ao acaso a escolha daquele espaço.

A começar pela extensão, impossível seria suportar toda essa estrutura dentro do “espaço urbano”, sem mencionar os transtornos que este poderia causar se estivesse inserido em meio à população. Transtornos físicos, no que se refere à questão de barulho e acomodações; além de transtornos ambientais e para a saúde, uma vez que várias destas indústrias trabalham com composições químicas que poderiam ser prejudiciais a sociedade.

E quais são as verdadeiras contribuições destas para a construção do espaço urbano? De que forma elas atuam na sociedade, e quais são as consequências desta ação? Estas são problemáticas levantadas a partir de uma discussão mais ampla, que requer uma análise a cerca do real interesse e dos principais beneficiados neste processo.

No discurso, tudo é muito bonito e benéfico a toda população. Uma indústria gera emprego, renda e, desenvolvimento para a cidade. Não se quer aqui minimizar estes ou outros benefícios, uma vez que eles realmente existem. Pelo contrário, procura-se analisá-los além dos prejuízos que decorrem deste processo.

Uma indústria transforma o espaço e condiciona a sociedade ao seu modo de produção. Os reais favorecidos são os grandes proprietários e o sistema capitalista que interferem de maneira incisiva no espaço como um todo.

O entrevistado 03³ vai retratar tal afirmação. Para ele, a chegada de grandes indústrias vem contribuir para o crescimento e desenvolvimento de sua cidade, o mesmo não consegue compreender os malefícios incorridos da ação industrial no espaço. O problema consiste exatamente nesta afirmação. A população não consegue vislumbrar a ação da indústria como um jogo de interesses, onde se quer apenas mão de obra barata e acumulação do capital.

A indústria interfere, portanto, neste processo, a partir do momento em que a sua ação irá reproduzir uma nova lógica relacionada à utilização da terra, do trabalho, dos recursos naturais, dentre outros tipos de apropriação. A sua presença no espaço urbano irá valorizá-lo e repercutir diretamente na sociedade. O modo de produção capitalista em uma de suas faces irá utilizar dela para atrair o contingente de trabalho e

³Depoimento cedido pelo entrevistado 03 de Vitória da Conquista em Dezembro de 2011.

investimentos que no fim proporcionará o lucro para o capitalista. Constitui-se uma rede de inter-relações, onde a base de todo o processo é a acumulação do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o espaço urbano requer uma análise a cerca da ação do sistema capitalista na sociedade, mas também das relações humanas que perfazem a história de todo esse processo. Pensar na cidade sem perceber a dimensão do humano, assim como Carlos incita, é desconsiderar que a sociedade como um todo cria e recria o espaço urbano.

O comércio traz desenvolvimento econômico para a cidade de Vitória da Conquista e, muitos são os que se beneficiam deste, mas não se pode deixar de compreender a ação do sistema capitalista no processo como um todo. A produção do espaço urbano está totalmente relacionada a esta questão, e assim como já discutido, ela vai modificar o espaço através da sua atuação.

Assim como Carlos aponta;

[...] é no espaço urbano que se manifestam mais claramente as relações de produção capitalistas, e onde a violência se faz maior. [...] a cidade é o campo privilegiado das lutas de classe. Se por um lado o espaço urbano é cada vez mais socializado [...] por outro lado a sua apropriação é privada. (CARLOS, 2001)

Observando a referida análise, percebe-se o quão dicotômico é a produção do espaço. No capitalismo, a produção urbana baseia-se na instalação e crescimento industrial e comercial. Em Vitória da Conquista, estes setores foram e são determinantes para o desenvolvimento desta região. O sistema coordena todas as ações, visando apenas se perpetuar e cumprir a sua função que é a acumulação do capital, fazendo com que a luta de classes se tornem evidentes e predominantes para a hierarquização do sistema.

O crescimento na malha industrial é visivelmente expansivo. A sociedade sofre as interferências ditadas por ele, sejam ela positivas ou negativas. Com relação a sua interferência na construção do espaço, ele vem causar um desenvolvimento e contribuir veementemente para o cenário hoje encontrado.

Carlos mais uma vez deixa claro a forma como o capitalismo vai atuar em todo esse processo;

O modo de produção capitalista produz um espaço como todo o modo de produção. Mas aqui a produção só ocorrerá se permitir a valorização do capital. Na produção do espaço há algo mais, um lado estratégico e político de grande importância, pois não é uma produção qualquer. Acrescenta algo decisivo a essa produção, posto que é também reprodução das relações de produção. (CARLOS, 1992 p.76)

Enfim, diante do exposto, fica clara a forma como o espaço urbano é produzido através da ação do modo de produção capitalista. Este utiliza de estratégias e de facetas que iram promover o desenvolvimento sem levar em conta a precarização e subjugação do sujeito enquanto instrumento de reprodução do capital.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani. **A cidade**. São Paulo, Contexto, 1992.

CAVALCANTI, L. de S. ***Uma geografia da cidade*** – elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, L.de S.(ORG.). Geografia da Cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2000

FERRAZ, Ana Emilia de Quadros. **O urbano m construção**: Vitória da Conquista; Um retrato de duas décadas. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

HARVEY, D. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Editora Hucitec. 1980.

SANTOS, Cilícia Dias dos. **A formação e produção do espaço urbano**: discussões preliminares acerca da importância das cidades médias para o crescimento da rede urbana brasileira. Taubaté – SP: G&DR, 2009. Disponível em: <http://www.rbgdr.net/012009/ensaio1.pdf>